



קוֹמֵץ
הַיְּאוֹרֵנְטוֹ

וְיִשְׂרָאֵל
בְּעֵינֵי הַיְּאוֹרֵנְטוֹ.

הַיְּאוֹרֵנְטוֹ
עַל אֵלֵינוּ מְבַרְכֵנוּ

FERNANDO FAVARETTO¹

UNIVERSIDADE: A VIDA É MAIS - A TV UNIVERSITÁRIA COMO UMA EXPERIÊNCIA DE ALTERIDADE

¹ UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), ffavaretto@gmail.com

RESUMO

O texto reflete sobre a experiência do programa “Universidade: a vida é mais”, produzido em uma televisão universitária, no desenvolvimento do qual quatro estudantes de jornalismo e quatro estudantes de outros cursos de graduação se encontraram para falar de suas trajetórias na universidade e para além dela. O programa se propôs a uma escuta do outro, a uma abertura para o que o outro tem a dizer, como forma de propor modos de pensar a formação acadêmica, técnica, pessoal e cidadã de futuros profissionais. A partir de contribuições teóricas de autores como Michel Foucault e Rosa Maria Bueno Fischer, o artigo reflete como se dão os processos de transformação desses estudantes, por meio das narrativas de si, dos movimentos do próprio pensamento, das relações com o outro, da experiência de alteridade construída a partir do ambiente universitário

PALAVRAS-CHAVE: JORNALISMO, AUDIOVISUAL, ALTERIDADE, APRENDIZAGEM, EXPERIÊNCIA

ABSTRACT

The text reflects about the experience of the program “Universidade: a vida é mais”, produced in a university television, in the development of which four journalism students and four students from other undergraduate courses met to talk about their trajectories at university, and beyond it. The program aimed to listen to others, to be open to what others have to say, as a way of proposing ways of thinking about the academic, technical, personal and civic training of future professionals. Based on theoretical contributions from authors such as Michel Foucault and Rosa Maria Bueno Fischer, the article reflects how the processes of transformation of these students occur, through self-narratives, movements of their own thought, relationships with others, experience of otherness constructed from the university environment.

KEY-WORDS: JOURNALISM, AUDIOVISUAL, OTHERNESS, LEARNING, EXPERIENCE

INTRODUÇÃO



Ivorada, Canoas, Estrela, Sapiranga, Porto Alegre, Relvado e Viamão. Sete cidades gaúchas que permitem inúmeros estudos comparativos, sete diferentes lugares e inúmeras aproximações possíveis, entre as quais a

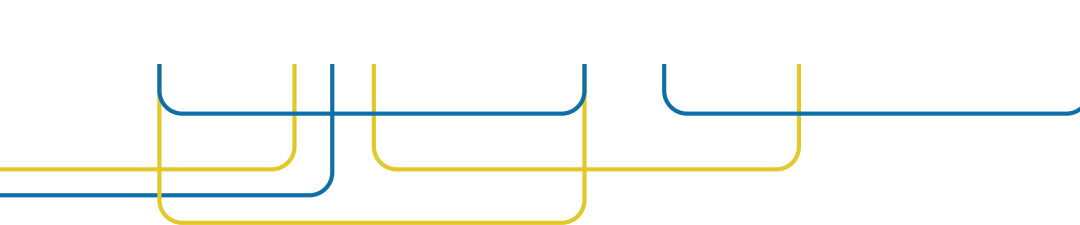
que permitiu que oito estudantes universitários pudessem se encontrar, conhecer-se, aprender uns com os outros, estreitar laços de amizade, falar sobre a situação do país, compartilhar sonhos e inquietações, revelar expectativas profissionais e discutir a vida acadêmica.

A Essa foi a principal proposta do programa *Universidade: a vida é mais*², produzido pela UFRGS TV de 2015 a 2018, com dez episódios: pensar sobre os modos pelos quais estudantes de uma universidade pública de Porto Alegre, vindos de várias cidades do estado, transformam-se em jornalistas, engenheiros, historiadores, agrônomos. A intenção do programa foi acompanhar parte dos processos que fizeram com que esses estudantes se reconhecessem como acadêmicos, profissionais e cidadãos.

Diversos questionamentos se apresentaram para um estudo no qual muitos são os sujeitos envolvidos e para cuja elaboração é preciso acompanhar e observar os participantes e com eles interagir. Nesse sentido, duas indagações que movem Fischer (2005, p. 117), ao refletir sobre o texto acadêmico, podem ser pensadas com relação ao citado programa de televisão: “Primeira: que relações poderiam ser pensadas entre a experiência da criação e da fruição estéticas e a produção do texto acadêmico? Segunda: podemos (e devemos) escrever a nós mesmos no texto científico?”

A aposta em um programa de televisão, como espaço para pensar a formação universitária, não apenas de estudantes de jornalismo, é também uma aposta na necessidade de ouvir o que esses estudantes têm a dizer, de escutá-los, de provocar que eles falem de si e com outros, e que sejam também ouvidos por esses outros que, por sua vez, também falam de si mesmos. A aposta feita por esse programa foi uma aposta na possibilidade de se narrar a vida de modos mais amplos, por meio da palavra dada a muitos sujeitos, por meio de uma narrativa que, mesmo tendo aspectos biográficos, possa ir muito além disso. A aposta em um novo ato de escrever

2 Os programas estão disponíveis no canal da UFRGS TV no YouTube (youtube.com/ufrgstv), em playlist própria, e também no Repositório Digital da Universidade (lume.ufrgs.br)



(...) como ato de alguém se mostrar, de meditar, de fazer-se ver, de fazer aparecer para o outro e para si mesmo o próprio olhar: escrever para constituir a si mesmo como sujeito da ação racional, pela apropriação, pela subjetivação em relação ao já-dito fragmentário de si (FISCHER, 2005, p. 119).

Escrever matéria para um veículo impresso, produzir um programa de televisão ou de rádio, registrar uma imagem fotográfica para ilustrar ou contar um fato são atos que fazem aparecer o olhar do jornalista, constituem parte desse jornalista como sujeito da narrativa que apresenta, revelam determinadas formas de pensar e de compreender o mundo. Manifestam, em outras palavras:

(...) o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade. É a própria experiência de si que se constitui historicamente como aquilo que pode e deve ser pensado. A experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo, etc. (LARROSA, 2002, p. 43).

Acreditamos que no programa *Universidade: a vida é mais* os estudantes puderam se observar, decifrar-se, interpretar a si mesmos e aos que com eles interagiram, pensando a experiência de si, olhando para a própria trajetória, observando a interioridade a partir da qual se constrói uma identidade pessoal e profissional, tecida e trabalhada em pequenos gestos, em singelas declarações, espectadores que são de partes da sua história, nos moldes do que nos lembra Abbas Kiarostami (2004, p. 185), ao dizer que “para Godard, o que se vê na tela já está morto. Só o olhar do espectador é capaz de insuflar-lhe vida”. Entendemos o programa como uma possibilidade de os estudantes insuflarem vida no modo de olharem para si mesmos, de insuflarem mais vida na sua experiência, de vivenciarem uma universidade que é mais – mais do que a sala de aula, mais do que as exigências de um currículo acadêmico, mais do que o ir e vir para compromissos institucionais.

NARRAÇÃO E CRIAÇÃO

O jornalista poderia ser definido como um narrador, como alguém que conta histórias, como o profissional que registra fatos e acontecimentos e os torna públicos a leitores, ouvintes e telespectadores, conforme declara um dos estudantes, no primeiro episódio do programa: “*Eu escolhi o jornalismo porque desde criança, desde os meus sete anos, eu gostava muito da profissão, eu via as pessoas trabalhando, eu via na televisão, e eu pensei, bah, eu também quero participar disso, eu quero fazer isso, eu quero poder contar histórias*”. Esse desejo de trabalhar com histórias, de conhecê-las de narrá-las está ligado diretamente à tradição oral, que pode ser encontrada em remotos registros da humanidade. Mas, para além dela (...) “há que se compreender o ato de narrar não como o que provém tão somente da oralidade; ele é, por excelência, fruto da necessidade que o homem tem de contar e recontar as histórias que permeiam a vida” (RESENDE, 2009, p. 34).

As histórias que permeiam a vida costumam ser contadas, recontadas e adaptadas a formatos e suportes narrativos, transformadas conforme nela agem os muitos sujeitos que a acolhem como suas, que nelas se debruçam para melhor compreendê-las ou fruí-las como possibilidades de comunicação e de permanência.

Escrever, inscrever-se, pintar, deixar as próprias marcas – longe de nos conceder a eternidade, tem a ver com a produção de um objeto ou de uma condição que não conseguiremos efetivamente “possuir”; mas se trata de atos que existem para nós como desejo permanente, como urgência, sem os quais não podemos, não temos condições de viver (FISCHER, 2015, p. 948).

Deixar as próprias marcas na produção de um objeto ou de uma condição com um caráter permanente de urgência e de necessidade pode ser um caminho para o exercício de um jornalismo mais criativo, mais autoral, mais comprometido com marcas de autenticidade de quem o produz e de quem por ele é produzido, enquanto fonte, enquanto destinatário, enquanto interlocutor. Ao propor o envolvimento em um programa como o *Universidade: a vida é mais*, investimos em um espaço de autoria dos estudantes, em uma possibilidade de narração da própria vida, na academia e para além dela, menos presa a padrões de registro e a fórmulas jornalísticas,

e mais próximo de uma fabulação, nos moldes do que revela Judith Butler (2015, p. 55): “Eu sempre recupero, reconstruo e encarrego-me de ficcionalizar e fabular origens que não posso conhecer. Na construção da história, crio-me em novas formas, instituindo um ‘eu’ narrativo que se sobrepõe ao ‘eu’ cuja vida passada procuro contar”.

A possibilidade de criação de nós mesmos em novas formas, de sobrepor um “eu” narrativo ao “eu” de uma vida passada que já não mais existe, porque o presente já está dado, também constitui a proposta de um programa de televisão como o que produzimos. Quanto há de ficcionalização ou de fabulação no que narramos a respeito de nós mesmos ou no que ouvimos da fonte com quem nos encontramos para a produção de uma matéria? Que verdades ou que realidades são essas que o jornalismo tanto insiste que se deva encontrar e que, efetivamente, jamais haveremos de possuir porque pertencem mais à dimensão da busca do que a do achado propriamente? Perguntas como essas podem e devem estar presentes em nossos textos acadêmicos, bem como em nossas práticas profissionais, por meio de “(...) um jeito indagador que pomos sobre nossas produções, uma inquietude que nos faça desconfiar, a cada página escrita e a cada escolha de um título, da pertinência daquelas palavras (...)” (FISCHER, 2005, p. 132).

Nesse sentido, o que pretendíamos com o programa *Universidade: a vida é mais* também era permitir que os estudantes que dele participaram pudessem realizar um trabalho sobre sua sensibilidade, que conseguissem estabelecer modos de olhar e de escutar, e principalmente, de receber o que vem dos demais participantes – fontes de suas entrevistas, parceiros de trabalho, colegas de profissão, amigos. Além disso, as oportunidades de encontro e de compartilhamento de histórias podem ser oportunidades ímpares para que os estudantes se enxerguem como os sujeitos da própria trajetória.

Nesse sentido, um dos estudantes, no primeiro episódio do programa revela um desejo de transformação, que o fez sair de sua cidade no interior para estudar em Porto Alegre: “*A minha relação com a Universidade tem sido, sobretudo de descoberta. Porque, no município de onde eu vim, não se fala muito de UFRGS, de universidade federal. Tem uma universidade particular, e a maioria dos meus colegas foram pra lá. Mas eu*

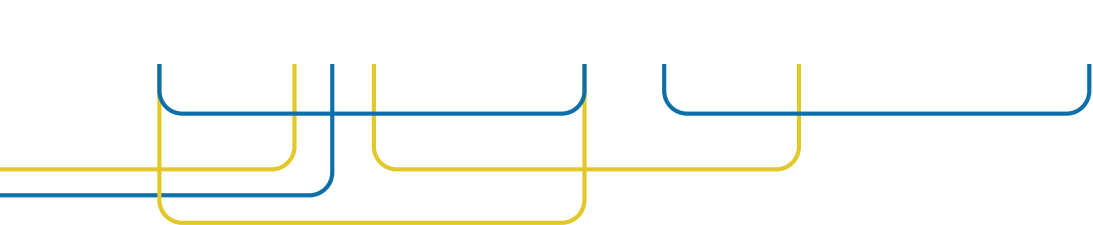
resolvi mudar esse caminho, e nisso eu acabei me descobrindo, porque, como eu disse, estudar jornalismo o cara pensa à primeira vista, deve ser trabalhar em jornal, deve ser escrever pautas. Não, tem uma série de trabalhos que podem se fazer, a tua carreira não precisa ser apenas jornal...”.

Perceber como os estudantes decidem por certos caminhos, como tomam determinadas decisões na busca de seus sonhos e anseios, como descobrem o que querem, como vão se constituindo profissionais de suas áreas, como vão lapidando as imagens de si, como vão enxergando os outros com quem convivem e aprendem, como vão ensinando a esses outros a partir de quem são – eis algumas perguntas nas quais apostamos para que os estudantes participantes do programa pudessem abrir espaço para o outro-diferença:

Desaparecer reveste-se, antes, do gesto de abrir espaço para o outro, o outro de cada um de nós próprios, o outro-diferença, a alteridade com que interagimos a cada dia, no livro que lemos, no filme a que assistimos, na pesquisa que fazemos ou damos por concluída e, principalmente, no colega ou no aluno que nos desafia, como alguém que jamais será o que supostamente soubemos ou sabemos dele (FISCHER, 2015, p. 954).

Abrir espaço para o outro, seja em nossas pesquisas, em nossos trabalhos acadêmicos, em nossos textos e escritos científicos, no programa de TV sobre o qual aqui refletimos, remete às muitas interações possíveis, mediadas pela literatura, pelo cinema, pela escultura, pela arte em geral, junto a cujas manifestações encontramos um outro que nos desafia, que se desnuda e se veste, na medida em que se revela sempre diferente.

O exercício da escuta desse outro, o ato sensível da partilha daquilo que nos move, a abertura de tempos e espaços para os diálogos e para as trocas, um aprendizado da lentidão e da paciência também foram algumas das propostas em torno das quais foi pensado o programa *Universidade: a vida é mais*. Além de permitir um registro do diálogo entre os participantes e uma oportunidade de aproximação entre diferentes estudantes, o programa desejou ser uma experiência de alteridade, um exercício de abertura ao outro capaz de contribuir para problematizações da vida cotidiana, da vida acadêmica, da rotina da universidade, da vida no que ela tem de trivial e ao mesmo tempo de singelo.



Parte dessa singeleza pode ser percebida nas motivações em função das quais os estudantes que participam do programa fizeram suas escolhas profissionais, que também trazem consigo a dimensão do outro, mesmo que seja alguém sem nome, alguém que se perca no emaranhado de uma coletividade sem identificação, mas ainda assim alguém na direção de quem se quer caminhar, como manifesta uma estudante, ao explicar as razões que a levaram a optar pelo curso de Engenharia Ambiental: *“Na época que eu trabalhava na empresa de seguros, eu acabei descobrindo que eu queria mais do que ficar fazendo um bem pra alguém, mas um bem maior, sabe, pra algo que realmente precisasse de mim, que não tivesse voz pra pedir ajuda, esse lance ambiental mesmo”*.

Investir mais nas interrogações e nos questionamentos sobre o que aprendemos também é um desafio para a formação de jornalistas, os quais, muitas vezes, para dar conta de concepções de isenção e de neutralidade, acabam esquecendo o quanto é parecida toda a vida, *“(…) seja a de um astro de Hollywood, que ganha milhões por filme, seja a do mendigo, que carrega a casa nas costas, seja a de qualquer um de nós. Nossas semelhanças são avassaladoras”* (BRUM, 2013, p. 48).

A UNIVERSIDADE E O PENSAMENTO QUE SE MOVE

Uma estudante deixou para trás as aulas na instituição privada e o trabalho na empresa de seguros, porque se sentiu desafiada a fazer *“um bem maior”* – ela acredita que pode ser mais útil ao mundo atuando na Engenharia Ambiental. Um jovem do interior do estado veio para a capital tentando seguir um caminho diferente dos amigos, que optaram por estudar e ficar *“por lá”*. Um morador de Viamão, quando menino, via jornalistas trabalhando, e desde a infância quis a magia do jornalismo – seu desejo é *“contar histórias”*. Outro jovem também desistiu da instituição privada, no interior do estado, e veio para a capital: ele *“quer se apaixonar”* – por si próprio, por outras pessoas, por coisas, por situações, *“para ser uma pessoa diversa”*...

As falas iniciais de quatro dos oito estudantes participantes do projeto *Universidade: a vida é mais*, ao se apresentarem no primeiro programa, já permitem identificar um desejo de transformação, uma potência de mudança, uma vontade de não permanecer o mesmo. Em muitas das falas que vão constituindo os dez episódios do programa, fica evidente o impacto das transformações na vida dos estudantes, desde que ingressaram na universidade.

Buscando trabalhar com uma perspectiva foucaultiana sobre o tema das “narrativas de si” – uma das linhas condutoras do programa –, conseguimos identificar uma série de manifestações que podem nos ajudar a pensar os modos por meio dos quais os estudantes vão se constituindo na condição de universitários, cidadãos, profissionais, e acima de tudo, de sujeitos da busca da própria mudança. Apostamos na escuta dos relatos desses jovens como um modo de compreender como se dá sua formação, como se estabelecem relações de “cuidado consigo” mesmos, como se dá, para eles, a escuta de si e do outro.

Quando falam sobre os desafios de entrevistarem alguém, os estudantes de jornalismo destacam a *“importância de se conectar com o entrevistado”* e apostam na “interação do programa, na possibilidade de as pessoas conseguirem falar realmente livres, sem formalismos”. Essa busca de ouvir o outro pode ser relacionada à indissociabilidade entre o que se pensa e o que se faz, uma vez que tanto os estudantes de jornalismo quanto os acadêmicos dos outros cursos são convocados a falar de si, num constante diálogo que supõe ação e trabalho – sobre as palavras ditas e sobre as não ditas, sobre as narrativas postas em evidência e sobre as apenas sugeridas, sobre as expectativas e sobre as verdades de cada um.

No segundo episódio, no momento em que debatem sobre referências culturais, uma estudante é questionada sobre o filme favorito e ela pergunta se pode citar *Titanic*, para em seguida dizer que se trata do filme a que ela mais assistiu na vida: *“Não tanto por marcar a minha história, a minha vida, não mudei meu pensamento por causa desse filme, mas eu sempre gostei muito dele”*. Gostar muito de um filme, ver a mesma produção várias vezes, seria, afinal, um modo de marcar a vida de alguém? Não importa tanto. O que importa, mais, é que essa singela situação pode nos ajudar a pensar sobre os discursos esperados de nós, sobre o estatuto de importância que damos aos livros que lemos ou às músicas que ouvimos. Deveria ter esse filme um *status* menos comercial ou um enredo mais politizado para ser considerado transformador? Também, no segundo episódio, um estudante comenta que, recém-chegado a Porto Alegre, assistiu, na universidade, à peça *Qual a diferença entre o charme e o funk?*, que o fez lembrar da época em que ele fazia teatro, de como isso o movia e o tocava. Permitir que os estudantes envolvidos nesse projeto pudessem pensar sobre o que os move, sobre o que os toca, foi uma forma de criar oportunidades para um novo olhar acerca de si mesmos (e, talvez, sobre nós mesmos, espectadores de suas histórias, de suas ideias, de suas inquietações).

Operando a partir de conceitos como o de experiência, a partir das elaborações de Walter Benjamin (que considera a narrativa uma força que não se gasta, conservando a capacidade de interpelar quem dela participa e de a fazer permanecer no tempo), podemos pensar as histórias de vida de cada participante do programa como forças transformadoras, como modos de uma travessia que se dá por meio da presença do outro, um outro que anda junto, muito próximo de nós.

No terceiro episódio, cada participante foi convidado a trazer para a gravação um amigo que conheceu durante os primeiros meses da faculdade. Se faltaram explicações de como surgiram aquelas amizades, sobraram referências do quanto elas foram se construindo de modo espontâneo, do quanto elas se constituíram a partir de provocações que têm levado cada um deles a inúmeras mudanças – conversão de olhares, de perspectivas, de pontos de vista, de entendimentos sobre si próprios e sobre os outros. Um dos estudantes, justificando ter trazido uma amiga que cursa Dança, reforça que, por ela ser mulher e negra, o convívio mostrou-lhe um universo desconhecido: *“Por ser homem, e mesmo sendo homossexual, e fazendo parte de um grupo x, eu não entendo o que é ser mulher, o que é ser negra. Isso realmente me enriqueceu muito como pessoa”*.

A simplicidade de pequenas afinidades, como gostar de jogar sinuca nos intervalos das aulas ou de saborear massa com calabresa como o prato predileto, assim como a complexidade de poder contar com um amigo para confiar segredos e tristezas, ou para sentir que nele há confiança e companheirismo, constroem os trilhos por meio dos quais os estudantes vão se transformando, uns na companhia dos outros. Operando com as contribuições de Ortega (2000), é possível pensar o quanto essa transformação tem de incitação recíproca e de provocação permanente, porque há um constante jogo entre as semelhanças mais imediatas que aproximam e as diferenças que provocam movimentos de pensamento.

Algumas dessas mudanças se tornam mais evidentes no quarto episódio, quando os participantes foram convidados a fazer uma avaliação de sua participação até aquele momento. Nas gravações, eles falaram de como se viam nos registros feitos para o projeto, do quanto acreditavam que estavam conseguindo se expressar, expondo suas ideias, opiniões, descobertas e expectativas; do quanto, enfim, estar tomando parte naquele processo estava sendo importante para eles. *“Esse projeto é uma grande oportunidade pra vocalizar as coisas que eu penso, as coisas que eu*

sinto, e ter documentado a minha trajetória universitária, isso é muito rico. Faz muito bem eu escutar os meus pensamentos” é a manifestação positiva de um deles, enquanto outra parece menos satisfeita: *“Eu não tenho me mostrado muito nos programas, falado abertamente sobre mim, parece que eu fico envergonhada, eu não consigo sair confiando”*.

Outro estudante, nesse quarto episódio, trouxe para a discussão o conceito de persona, estudado em algumas de suas aulas no curso de Ciências Sociais, explicando que *“sempre que a gente está em contato com pessoas ou em situações diferentes, a gente está de fato interpretando alguém, a gente possui múltiplas facetas (...) como é que a gente vai pegar e colher os relatos das pessoas, com filmagens, entrevistas e tal, e achar que isso aí é a realidade absoluta, quando a realidade está em constante mudança, de acordo com as circunstâncias nas quais estamos, com a maneira que a gente está dialogando com as pessoas”*.

É justamente a partir dos diálogos entre os estudantes, em diferentes momentos de sua vida acadêmica, que o projeto *Universidade: a vida é mais* se mostrou um caminho para a escuta de si e para a escuta do outro, para a possibilidade do que Fischer (2011) chama de “amor à narrativa”, tanto mais possível quanto menos tememos as palavras, quanto menos tememos a diferença, quanto menos tememos o outro. Pensar os modos de transformação que acontecem na universidade, pensar as formas por meio das quais um estudante se transforma num jornalista, ou num agrônomo, ou num historiador, é também um modo de pensar nas histórias que esses estudantes contam sobre si, nos relatos que compartilham com o outro que com eles caminha e aprende, nas experiências que eles tornam públicas por meio dos diálogos que estabelecem com os semelhantes e com os diferentes. Estamos, assim, diante de narrativas de jovens que, ao falarem de si, parece que libertam o próprio pensamento; constituem-se, em movimento, de outra forma.

Interrompida depois de dez episódios, muito em função das dificuldades de horários em comum para juntar os oito participantes, cada vez mais envolvidos com estágios, trabalhos e compromissos para além da academia, o programa *Universidade: a vida é mais* deixou uma importante contribuição para se pensar o trabalho em uma TV universitária. Mostrou que os estudantes têm muito a dizer e a compartilhar, que eles podem e devem ser (também) sujeitos da programação, que há que se pensar formatos e narrativas das TVs universitárias que os enxerguem a partir de suas histórias e de seus sonhos.



REFERÊNCIAS:

BRUM, Eliane. *A menina quebrada*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Autêntica: Belo Horizonte, 2015.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Arte, pensamento e criação de si em Foucault: breve ensaio*. Revista *Currículo sem Fronteiras*, v. 15, n. 3, set/dez. 2015.

_____, Rosa Maria Bueno Fischer. *Cinema e pedagogia: uma experiência de formação ético-estética*. Revista *Per-cursos*. Florianópolis, V.12, N° 01, jan/jun. 2011.

_____, Rosa Maria Bueno. *Mídia e educação: em cena, modos de existência jovem*. Educar. N° 26. Editora UFPR: Curitiba, 2005.

KIAROSTAMI, Abbas. *Duas ou três coisas que sei de mim*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

LARROSA, Jorge. *Tecnologias do eu e educação*. In: SILVA, Tomás Tadeu da (org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

RESENDE, Fernando. *O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro*. Revista *Galáxia*. São Paulo, n. 18, dez. 2009.